

17/5/1985

Negociações na estaca zero

por Wanda Jorge

de São Paulo

As negociações sobre o acordo de trabalho dos cortadores de cana-de-açúcar para esta safra voltaram praticamente à estaca zero, com o endurecimento dos dois setores que discutem o assunto. Em reunião de duas horas ontem, na Delegacia Regional do Trabalho (DRT), em São Paulo, as usinas apresentaram uma proposta independente, oferecendo o piso mínimo de Cr\$ 18 mil por dia e uma antecipação para setembro de 50% do INPC do período sobre o valor da cana colhida. Os bóias-frias, representados pela Federação dos Trabalhadores Rurais do Estado de São Paulo (Fetaesp), já haviam admitido uma redução em 25% nas reivindicações econômicas da proposta inicial, a que estabelecia uma diária mínima de Cr\$ 37.500 e o pagamento de Cr\$ 450 a Cr\$ 1.200 o metro linear de cana cortada.

Com a recusa dos trabalhadores em abrir mão do pedido de correção trimestral dos valores pagos, o impasse se deu e tanto a Fetaesp quando a entidade representativa dos patrões, a Federação da Agricultura do Estado de São Paulo (FAESP), decidiram retirar suas concessões dadas após 46 dias de negociação e retornar à proposta original. Com isso, os patrões voltam a oferecer uma diária de Cr\$ 16.850 e o pagamento de Cr\$ 5.200 e Cr\$ 4.960 a tonelada, de acordo com o corte.

Das 29 cláusulas reivindicadas pela Fetaesp, até agora só se alcançou consenso em 13 delas. Werther Annicchino, e um dos negociadores da comissão dos doze da FAESP, disse a este jornal que a atividade agrícola não tem capacidade de competir com os níveis salariais da indústria e que se chegou ao máximo do que poderiam conceder. "Acho que esgotamos a capacidade de negociação, após tantos dias de reuniões, além de enfrentar um desgaste junto aos liderados". O usineiro afirmou ainda que existem limites nas concessões que o setor pode dar, pois estabelece parâmetros para outras culturas. E acrescentou que o salário médio de um bóia-fria que corta 4,75 toneladas por dia (segundo número oficial que serve de base de cálculo para o governo e usinas), ganhará o equivalente a Cr\$ 5.020 por tonelada — média em vários cortes da cana). Terá então um salário mensal de Cr\$ 596.125 para 25 dias de serviço, o que é superior ao do piso do metalúrgico nas regiões canavieiras, conclui.

(Página 5)